

ao Museu Ethnologico Português, onde ficam ao alcance de todos os estudiosos. Em qualquer dos casos a correspondencia deve ser-me dirigida para a Bibliotheca Nacional de Lisboa. *O Archeologo Português* conta já cinco volumes, e tem sido collaborado por muitos archeologos nacionaes e estrangeiros. O Museu Ethnologico, com quanto esteja ainda em comêço, desenvolve-se todos os dias, e maior incremento tomará em breve, mercê do auxilio que me foi promettido; todavia, para attingir o *desideratum*, precisa da cooperação de todos. A archeologia não constitue meramente uma curiosidade ou um luxo; ella illumina a historia do passado, faz que o comprehendamos melhor, e, fortificando-nos no conhecimento das nossas cousas, ajuda-nos a termos noção mais clara e completa da patria. Assim o entendem todos os paises cultos: por isso nelles abundam ricos museus archeologicos, que são ao mesmo tempo enlêvo dos olhos, e fonte perenne de instrucção historica, e de educação do sentimento nacional.

J. L. DE V.

### Amuletos

Ha muitos annos que me occupo dos nossos amuletos, já reunindo exemplares, que pela maior parte tenho guardados no Museu Ethnologico, já tomando notas na bibliographia nacional e estrangeira. Logo que outros trabalhos m'o permittam, publicarei sobre elles um livro especial, ou um capitulo que faça parte de obra de plano mais generico. Esse estudo constará pouco mais ou menos das seguintes secções:

#### INTRODUÇÃO:

I. Definição e theoria geral dos amuletos: cfr. o opusculo *Sur les amulettes portugaises*, pag. 3 sqq.; e as *Religiões da Lusitania*, I, 111 sqq.

II. Uso geral dos amuletos nos differentes povos. Bibliographia correspondente.

III. Classificação dos amuletos: cfr. o referido opusculo *Sur les amulettes*, pag. 6 sqq.

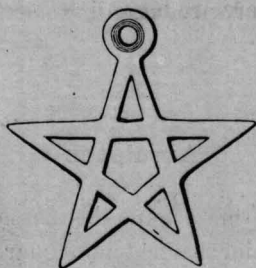
IV. Chronologia historica dos nossos amuletos: pre-romanos, romanos, medievaes, modernos; amuletos christãos (reliquias, agnus-Dei, veronicas, etc.).

V. Fontes de estudo dos amuletos portuguezes: 1) arte e litteratura em geral; 2) bibliographia especial; 3) tradição popular moderna.

A arte e a litteratura ministram alguns elementos, sobretudo em relação ao passado. A bibliographia especial é pequena: alguns folhetos e artigos meus, e um artigo de Antonio Pires, que condensam os factos principaes; notas avulsas publicadas em periodicos, como *Revista do Minho*, *Revista Lusitana*, *Revista Archeologica*, *Portugalia*, *Tradição*<sup>1</sup>, ou em obras de character mais extenso (de Theophilo Braga, Adolfo Coelho, etc.). A principal fonte de que me sirvo é a tradição popular.

#### DESCRIPÇÃO ESPECIAL:

O artigo sobre cada amuleto constará da descripção d'este, e das necessarias ou possiveis indicações bibliographicas e historicas que vierem a proposito. Será tambem acompanhado de uma estampa, de que se dão aqui algumas amostras (tamanho natural):



1. *Sino-saimão* simplez (*Signum Salomonis*), que é um dos nossos amuletos mais vulgares (tambem ha o *sino-saimão dobrado*); o exemplar acima figurado é feito de osso.



2. *Sino-saimão* inserito num circulo: o exemplar acima figurado em primeiro lugar é feito de chumbo (nas orlas ha uns pontos coloridos),

<sup>1</sup> Em algumas d'estas revistas dizem-se, porém, cousas que já estayam ditas antes, e nem todos os objectos ahi dados como amuletos o são.

e só o tenho por ora visto no Minho; o exemplar figurado em segundo lugar é feito de prata.



3. *Meia-lua*: os exemplares acima figurados em primeiro lugar são de prata; o figurado em terceiro lugar é de cobre (chapa de uma moeda).



4. *Amuletos pantheos*: chamo-lhes assim, por serem constituídos por diversos elementos que formam um todo: no primeiro aqui figurado entra a meia-lua e a figa; no segundo os mesmos elementos, e além d'isso o sino-saimão e a chave: o aspecto geral, porém, de cada um é de meia-lua. Ambos estes são de prata.

#### CONCLUSÃO:

Em muitas localidades os amuletos tem mais vida que noutras. Muitas vezes os amuletos propriamente pagãos são substituídos por amuletos christãos (cruz, etc.), ou passam á classe de meros berloques (por ex.: nas cadeias de relógio, nos collares), ou de objectos de uso, já também sem significação magica (por ex.: certos ganchos de meia).

J. L. DE V.